Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social · 2026 · Vol. 12(2): 1–17
Portuguese Journal of Behavioral and Social Research · e-ISSN 2183-4938
Departamento de Investigação & Desenvolvimento · Instituto Superior Miguel Torga

DATAS EDITORIAIS

Recebido	09/07/2025
Revisto	29/07/2026
Aceite	11/11/2026
Publicado	11/11/2026

COMO CITAR

Pontes, W. M. A., Abreu, E. L., & Melo, R. L. P. (2026). Socialização das emoções nas relações parentais: Uma revisão de escopo. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, *12*(2), 1–17. https://doi.org/10.31211/rpics.2026.12.2.422

AUTOR CORRESPONDENTE

Willian Miguel de Araujo Pontes
Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus I, Jardim Cidade Universitária, 58050-585, João Pessoa, Brasil
E-mail: willian.pontes.psi@gmail.com

PUBLICAÇÃO EM ACESSO ABERTO

©2026. O(s) Autor(es). Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0), que permite o uso, a distribuição e a reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

DI&D | ISMT
rpics@ismt.pt
https://rpics.ismt.pt

* Artigo escrito em português do Brasil.

ARTIGO ORIGINAL

Socialização das emoções nas relações parentais: uma revisão de escopo

Emotion socialization in parental relationships: A scoping review

Willian Miguel de Araujo Pontes[1] · **Eloá Losano de Abreu**[1] · **Rômulo Lustosa Pimenteira de Melo**[1]

[1] *Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa, Brasil*

https://doi.org/10.31211/rpics.2026.12.2.422

Resumo

Objetivo: A socialização das emoções nas relações parentais é fundamental para o desenvolvimento emocional saudável das crianças, influenciando suas habilidades sociais, regulação emocional e bem-estar psicológico. Contudo, ainda há lacunas sobre os mecanismos específicos e seus efeitos em contextos familiares variados. Esta revisão de escopo teve como objetivo mapear e sintetizar a produção científica sobre socialização emocional nas relações parentais, investigando como estratégias parentais se relacionam com o desenvolvimento emocional e comportamental infantil. **Métodos**: Revisão de escopo conduzida conforme as diretrizes PRISMA-ScR. Foram realizadas buscas sistemáticas nas bases SciELO, PePSIC, CAPES e PsycNet até maio de 2025. A partir de um conjunto inicial de 151 artigos, uma seleção final de 32 documentos (nove teóricos e 23 empíricos, englobando delineamentos longitudinais, observacionais e experimentais) foi submetida à análise temática. **Resultados**: A síntese dos achados organizou-se em três eixos temáticos: (a) a relação das práticas parentais com a regulação emocional infantil; (b) variáveis emocionais intrapessoais; e (c) características e contextos familiares. Práticas parentais que validam emoções e oferecem suporte favorecem competência emocional, autoestima e habilidades sociais. Estilos autoritários, negligentes e punitivos associam-se a dificuldades de regulação emocional e comportamentos externalizantes. Influências culturais, fatores sociodemográficos e contextos adversos afetam a eficácia das estratégias. **Conclusões**: A socialização emocional parental equilibrada é fundamental para o desenvolvimento infantil saudável, destacando a necessidade de intervenções psicoeducativas culturalmente adaptadas e políticas que promovam ambientes familiares seguros. Recomenda-se aprofundar pesquisas que incluam múltiplos cuidadores e diversidade cultural para aprimorar práticas na área.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Estratégias parentais; Regulação emocional; Relações familiares; Socialização emocional; Revisão de escopo.

Abstract

Objective: Emotion socialization in parent–child relationships is fundamental to healthy emotional development in children and influences their social skills, emotional regulation, and psychological well-being. However, gaps remain regarding specific mechanisms and their effects across diverse family contexts. This scoping review aimed to map and synthesize scientific literature on emotion socialization in parental relationships and examine how parental strategies relate to children's emotional and behavioral development. **Methods**: A scoping review was conducted according to the PRISMA-ScR guidelines. Systematic searches were conducted in SciELO, PePSIC, CAPES, and PsycNet databases up to May 2025. From an initial set of 151 articles, a final selection of 32 documents (nine theoretical and 23 empirical, spanning longitudinal, observational, and experimental designs) underwent thematic analysis. **Results**: The synthesis of findings was organized into three thematic axes: (a) the relationship of parenting practices with child emotional regulation; (b) intrapersonal emotional variables; and (c) family characteristics and contexts. Parental practices that validate emotions and provide support promote emotional competence, self-esteem, and social skills. Authoritarian, neglectful, and punitive styles are linked to difficulties in emotional regulation and externalizing behaviors. Cultural influences, sociodemographic factors, and adverse contexts affect strategy effectiveness. **Conclusions**: Balanced parental emotion socialization is essential for healthy child development, highlighting the need for culturally adapted psychoeducational interventions and policies that foster safe family environments. Further research involving multiple caregivers and cultural diversity is recommended to improve practice in this field.

Keywords: Child development; Emotion socialization; Emotional regulation; Family relationships; Parenting strategies; Scoping review.

Introdução

Este trabalho apresenta uma revisão de escopo sobre a socialização das emoções nas relações parentais na primeira infância. As emoções têm uma importância adaptativa para a sobrevivência humana, pois alertam para perigos, ajudam no processo de tomada de decisões e propiciam uma melhor interação social. Outrossim, permitem que o sujeito possa atribuir significados às suas vivências e se adaptar ao ambiente em que está inserido (Mikolajczak & Desseilles, 2014). Nessa perspectiva, as emoções guiam comportamentos imediatos e moldam processos cognitivos e sociais complexos.

Segundo Scherer (2001), as emoções podem ser compreendidas a partir de dimensões que envolvem questões cognitivas, fisiológicas, comportamentais e subjetivas, representando o caráter múltiplo das emoções. Para exemplificar, no contexto de uma apresentação pública, um sujeito pode experimentar pensamentos negativos intensos (dimensão cognitiva), manifestar reações biológicas como taquicardia e sudorese (dimensão fisiológica) e sentir a necessidade de evitar o evento (dimensão comportamental).

Além disso, Ekman et al. (1969) destacam que as emoções são influenciadas por normas sociais que definem quais expressões emocionais são apropriadas em diferentes contextos, as quais variam conforme cultura, família e ambiente profissional. Assim, a regulação emocional, que é a habilidade de ajustar as próprias emoções, é essencial para adequar as expressões às expectativas sociais (Mikolajczak & Desseilles, 2014).

Gross (1999) e, posteriormente, McRae e Gross (2020) propuseram um modelo composto por cinco famílias de estratégias: seleção da situação, modificação da situação, direcionamento da atenção, mudança cognitiva e modulação da resposta. Sob uma perspectiva evolutiva, Tooby e Cosmides (1990) argumentam que as emoções emergiram como programas adaptativos selecionados para resolver desafios ancestrais de sobrevivência. Contudo, como apontam Gross (1999) e McRae e Gross (2020), enquanto os mecanismos evolutivos primários foram moldados para ambientes ancestrais, as complexas transformações sociais e o advento das mídias digitais contemporâneas geram novas exigências ambientais (Coyne et al., 2017). Nesse cenário moderno, as respostas

emocionais automáticas podem se mostrar desproporcionais ou desadaptativas, tornando o emprego consciente e flexível de estratégias de regulação emocional (como a reavaliação cognitiva e o direcionamento da atenção) um requisito central para a saúde mental e a adaptação social (Eisenberg et al., 2010; McRae & Gross, 2020).

Dado que a regulação emocional não se desenvolve de forma isolada, mas é progressivamente construída ao longo do ciclo vital, torna-se imperativo examinar os contextos interpessoais e relacionais em que ela emerge primariamente, com especial relevância para a primeira infância, conforme preconizado por Kopp (1989) e corroborado por pesquisas sobre o desenvolvimento afetivo e neurobiológico (Eisenberg et al., 2010; Guyer et al., 2016). Nesse período, a forma como os pais interagem e respondem às necessidades dos filhos molda diretamente as crenças e condutas infantis no reconhecimento e manejo das próprias emoções (Meyer et al., 2014).

Socialização Parental

A socialização é um processo contínuo ao longo da vida; contudo, sua intensidade e plasticidade são marcadamente superiores na infância, momento em que a criança internaliza normas interpessoais e consolida padrões comportamentais (Maccoby, 1994). Nesse âmbito, as práticas parentais exercem papel estruturante, sendo fundamentadas tanto nas convicções dos pais sobre o desenvolvimento infantil quanto na própria capacidade de autorregulação emocional dos genitores (Cunha et al., 2022; Lins & Alvarenga, 2015). Dificuldades no manejo das próprias emoções pelos pais comprometem a sensibilidade parental e aumentam o risco de reações coercitivas ou omissas diante da desregulação infantil (Eisenberg et al., 2010; Havighurst et al., 2010).

As crenças parentais orientam de modo direto as estratégias educativas adotadas na rotina familiar (Sigel & Kim, 1996). Conforme apontado por de Carvalho Moinhos et al. (2007), as metas de socialização dos genitores refletem prioridades culturais e contextuais ajustadas ao meio socioeconômico em que a família está inserida, guiando a tradução prática dos valores familiares. Na literatura clássica sobre parentalidade, Baumrind (1966) e Maccoby e Martin (1983) categorizaram esses comportamentos em quatro estilos parentais centrais: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente. Estudos contemporâneos sobre o tema (e.g., Eisenberg et al., 2010; Jin et al., 2017) confirmam que o estilo autoritativo, caracterizado pelo equilíbrio entre afeto, suporte e estabelecimento de limites, favorece o controle esforçado e a competência socioemocional da criança, enquanto estilos autoritários, punitivos ou negligentes associam-se a déficits na regulação emocional e a problemas de comportamento internalizantes e externalizantes.

Apesar da relevância desses estilos para práticas gerais, eles não aprofundam a socialização específica das emoções. Pesquisas atuais investigam como os pais educam, influenciam e respondem diretamente às emoções dos filhos, ampliando a compreensão do impacto dessas interações. A socialização emocional infantil envolve o aprendizado da linguagem emocional, valores e normas sociais, além do reconhecimento, expressão e regulação das emoções (Zahn-Waxler, 2010). Thompson e Meyer (2007) destacam que as interações emocionais dos pais influenciam outros contextos sociais e o futuro adulto da criança.

A socialização emocional parental opera por vias diretas e indiretas. No tocante às respostas diretas às emoções negativas dos filhos, investigações recentes (e.g., Havighurst et al., 2010; Jin et al., 2017; Silk et al., 2011) evidenciam que reações parentais de suporte e validação auxiliam a criança a modular o afeto e reduzem sintomas psicopatológicos, ao passo que respostas punitivas, de minimização ou de estresse parental exacerbam a desregulação emocional infantil. Em um modelo integrador, Eisenberg et al. (1998) categorizam a socialização emocional parental a partir de três eixos centrais: (a) as expressões emocionais dos próprios pais no ambiente familiar; (b) as reações parentais às emoções das crianças; e (c) os diálogos e conversas sobre emoções (ver também Eisenberg et al., 2010). Integrando essa abordagem aos princípios da Análise do Comportamento, Lins e Alvarenga (2018) demonstram como as contingências

de reforçamento e punição dispostas verbal e não verbalmente pelos pais modelam o repertório de autorregulação da criança.

Aprofundando essa perspectiva, Denham et al. (2007) enfatizam que a socialização emocional bem-sucedida envolve tanto a compreensão das próprias emoções quanto o reconhecimento dos estados afetivos alheios. Os pais atuam como facilitadores do desenvolvimento socioemocional, preparando progressivamente os filhos para a autonomia (Hastings & De, 2008). Reações parentais acolhedoras e conversas estruturadas sobre os afetos fornecem um ambiente seguro para a alfabetização emocional, ao passo que respostas punitivas ou de invalidação propiciam esquiva emocional e elevação da ansiedade (Eisenberg et al., 1998, 2010; Havighurst et al., 2010). Adicionalmente, o clima emocional do lar e as dinâmicas de colaboração diádica pais-criança modulam o impacto das práticas de socialização no ajustamento infantil (Jin et al., 2017).

Diante desse cenário, esta revisão de escopo teve como objetivo mapear e sintetizar a produção científica sobre a socialização emocional nas relações parentais durante a primeira infância, investigando as estratégias adotadas, seus impactos no desenvolvimento socioemocional infantil e os fatores contextuais e metodológicos associados.

Método

Desenho do Estudo

A presente revisão de escopo foi conduzida com base na estrutura metodológica preconizada por Arksey e O'Malley (2005) e atualizada por Peters et al. (2020), sendo relatada em conformidade com as diretrizes do PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR; Tricco et al., 2018). O protocolo desta revisão não foi registrado nem publicado previamente. A escolha pelo delineamento de revisão de escopo justifica-se pela necessidade de mapear extensivamente a literatura científica, identificando conceitos-chave, lacunas e direcionamentos em um campo caracterizado por abordagens teóricas e metodológicas heterogêneas (Peters et al., 2020). Por essa razão, optou-se pela inclusão combinada de estudos teóricos e empíricos (englobando delineamentos experimentais, longitudinais, observacionais, quantitativos e qualitativos), permitindo a apreensão abrangente das dinâmicas de socialização emocional parental (Arksey & O'Malley, 2005).

Estratégia de Busca

Para a identificação dos estudos, efetuaram-se buscas sistemáticas nas bases de dados SciELO, PePSIC, CAPES e PsycNet entre 1 e 13 de maio de 2025. A estratégia de busca utilizou a seguinte combinação de descritores e operadores booleanos: ("emotional socialization" OR "emotional socialization strategies") AND ("parents" OR "parenting"). A opção por termos integrados em inglês visou capturar a produção acadêmica internacional indexada que teoriza e investiga explicitamente a relação entre as estratégias de socialização emocional e a parentalidade. Não foram empregados termos atomizados, como "mum" ou "dad", nem operadores de truncamento abertos (e.g., "emotion*"), a fim de delimitar o foco do mapeamento aos construtos formais da socialização emocional parental e evitar a dispersão do acervo em estudos genéricos sobre maternidade/paternidade. Não foram impostas restrições temporais na busca; as restrições de idioma e de disponibilidade do texto integral foram aplicadas na etapa de elegibilidade.

Critérios de Elegibilidade

A seleção seguiu critérios predefinidos de elegibilidade. Incluíram-se: (a) estudos empíricos ou teóricos revisados por pares que abordassem estratégias de socialização emocional na primeira infância; (b) investigações sobre os impactos dessas estratégias no desenvolvimento socioemocional infantil; e (c)

pesquisas focadas no contexto e nas relações familiares. Excluíram-se: (a) estudos cujo foco de investigação recaísse sobre filhos em fase adolescente ou adulta (assegurando o recorte na primeira infância, ainda que os pais/cuidadores fossem adultos); (b) artigos em idiomas diferentes do português, do inglês e do espanhol; (c) artigos indisponíveis na íntegra; (d) artigos que não abordassem a temática da socialização das emoções; (e) artigos de revisão sistemática; e (f) dissertações, teses, livros ou capítulos de livros.

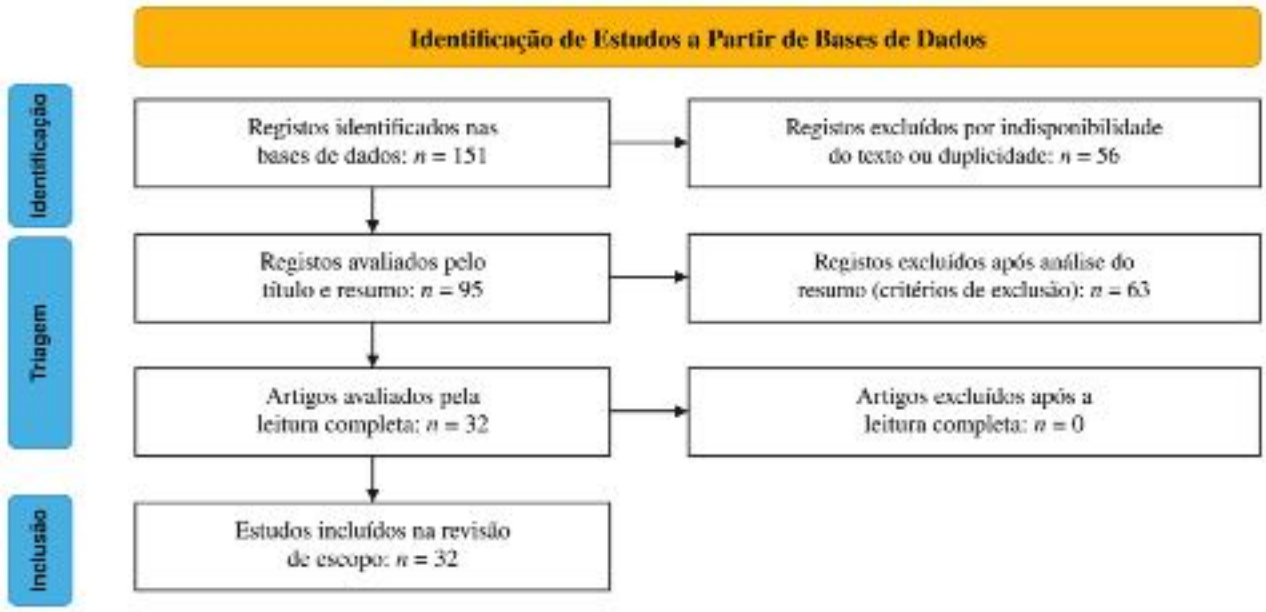
Seleção dos Estudos e Extração de Dados

A triagem, organização e gestão do acervo bibliográfico foram operacionalizadas por meio da plataforma web colaborativa Sysrev, utilizada exclusivamente como ferramenta digital de gestão para importação dos registros, remoção de duplicatas e controle cego das decisões de inclusão e exclusão.

A seleção dos estudos, por sua vez, ocorreu em duas etapas conduzidas de forma independente e cega por dois pesquisadores da equipe (psicólogos com expertise em psicologia do desenvolvimento). Na primeira etapa (triagem por título e resumo), os avaliadores aplicaram os critérios de elegibilidade no Sysrev. As discordâncias entre os dois juízes foram resolvidas por um terceiro pesquisador, que atuou como juiz desempatador para a decisão final. Não foi calculada medida formal de concordância entre avaliadores; ocorreram sete discordâncias, todas resolvidas desse modo. Na segunda etapa, procedeu-se à leitura integral dos 32 artigos selecionados para a extração de dados codificados em planilhas digitais. O processo de identificação, triagem e inclusão encontra-se ilustrado na Figura 1.

Figura 1

Diagrama de Fluxo PRISMA-ScR: Processo de Seleção de Artigos



Nota. Adaptado de Page et al. (2021). Pesquisa realizada entre 1 e 13 de maio de 2025; registros identificados por base: CAPES (n = 94), PsycNet (n = 57), SciELO (n = 0) e PePSIC (n = 0). A plataforma Sysrev foi utilizada para a gestão dos registros e a triagem dos estudos.

Análise de Dados

A análise do conteúdo dos artigos seguiu os princípios da análise temática indutiva propostos por Braun e Clarke (2006, 2012). Ressalta-se que não foram estabelecidas categorias prévias (*a priori*); todas as categorias e eixos temáticos foram gerados indutivamente (*bottom-up*) a partir da leitura integral,

codificação e extração minuciosa dos achados dos 32 artigos selecionados (Braun & Clarke, 2006, 2012). A revisão cruzada das codificações visou assegurar a confiabilidade dos dados e a reflexividade do processo analítico, bem como o rigor e a transparência metodológica do estudo.

Resultados e Discussão

Caracterização dos Estudos Incluídos

Dos 151 registros identificados nas bases de dados, 56 foram excluídos por indisponibilidade do texto ou duplicidade e 95 foram avaliados pelo título e resumo, dos quais 63 foram excluídos com base nos critérios de exclusão. Os 32 artigos restantes foram lidos na íntegra e todos foram incluídos (Figura 1): nove são estudos teóricos e 23 são estudos empíricos. A Tabela 1 sintetiza os estudos teóricos e as Tabelas 2 e 3, os estudos empíricos.

Os nove estudos teóricos analisaram aspectos conceituais, modelos de desenvolvimento, contingências comportamentais e dimensões socioculturais da socialização emocional (Tabela 1). Quatro deles abordaram processos emocionais específicos: a socialização da raiva e da agressividade no contexto familiar e escolar (DeBaryshe & Fryxell, 1998), o aprendizado da autorregulação com base nos princípios da Análise do Comportamento (Lins & Alvarenga, 2018), a inteligência emocional a partir do contrato social familiar (Mayer & Beltz, 1998) e a relação entre o desenvolvimento moral, a empatia, a vergonha e as diferenças de gênero (Morrison & Severino, 1997). Os restantes ampliaram o olhar para os agentes e os contextos de socialização: um modelo ampliado de socialização emocional integrando múltiplos agentes sociais além dos genitores (Parke & McDowell, 1998), a socialização cultural das emoções via narrativas orais (*epews*) na cultura Mapuche (Riquelme Mella et al., 2023) e as diferenças de gênero na inteligência e competência emocional (Sánchez-Núñez et al., 2008). Por fim, dois estudos discutiram o impacto do racismo sistêmico e a teoria do apego na regulação emocional de crianças negras (Stern et al., 2023) e o papel materno no desenvolvimento da competência emocional infantil, numa revisão narrativa e ensaio conceitual da literatura (Wandansari et al., 2019).

Para melhor organização visual e conceitual dos achados empíricos, os estudos foram sistematizados em duas tabelas: a Tabela 2 unifica as pesquisas focadas no impacto direto das práticas parentais sobre a regulação emocional infantil (incorporando uma coluna dedicada à abordagem metodológica), enquanto a Tabela 3 detalha as investigações direcionadas às influências do contexto familiar, variáveis sociodemográficas, adversidades e aspectos socioculturais.

No que respeita aos 23 estudos empíricos, observou-se diversidade de abordagens metodológicas. Três utilizaram delineamento experimental ou de intervenção (Aghaie Meybodi et al., 2019; Denham, 1997; Valentino et al., 2022); sete adotaram delineamento longitudinal (e.g., Cao et al., 2023; Frankel et al., 2015; Negi et al., 2025); e cinco empregaram delineamento observacional (e.g., Moura et al., 2022; Roberts, 2020). Cinco conduziram investigações quantitativas correlacionais (e.g., Lins & Alvarenga, 2015; Soydan & Akalin, 2023), dois adotaram métodos qualitativos ou etnográficos (e.g., Ahn, 2010; Wang & Fivush, 2005) e um utilizou modelo diádico (Lee & Brophy-Herb, 2018). As amostras variaram entre três participantes (em contextos institucionais; Moura et al., 2022) e 363 participantes em pesquisas comunitárias.

Tabela 1

Estudos Teóricos sobre Socialização Emocional

Autores (ano)	Variáveis estudadas	Principais resultados
DeBaryshe e Fryxell (1998)	Socialização da raiva, regulação fisiológica, agressividade	Estratégias e estilos parentais afetam diretamente o manejo da raiva e as reações emocionais infantis.
Lins e Alvarenga (2018)	Contingências comportamentais na socialização emocional	A Análise do Comportamento fornece explicação funcional sobre como respostas parentais modelam a autorregulação infantil.
Mayer e Beltz (1998)	Socialização emocional e inteligência emocional no contexto social	O contrato emocional familiar influencia o desenvolvimento da inteligência e da regulação emocional social.
Morrison e Severino (1997)	Desenvolvimento moral, empatia, vergonha, diferenças de gênero	Práticas de socialização e papéis de gênero modulam o desenvolvimento moral e a empatia nas crianças.
Parke e McDowell (1998)	Diferenças na socialização emocional entre mães e pais	Propõem modelo ampliado integrando avós, professores e pares como agentes ativos da socialização emocional.
Riquelme Mella et al. (2023)	Socialização emocional cultural via histórias orais (*epews*)	A cultura Mapuche utiliza narrativas orais tradicionais como ferramenta de ensino da regulação emocional.
Sánchez-Núñez et al. (2008)	Diferenças de gênero na inteligência emocional e socialização parental	A socialização parental diferenciada por gênero resulta em rotas distintas de competência emocional.
Stern et al. (2023)	Teoria do apego, racismo sistêmico, resiliência	Respostas parentais e comunitárias influenciam a regulação emocional e a resiliência em crianças negras.
Wandansari et al. (2019)	Ensaio teórico e conceitual sobre o papel materno na socialização e regulação emocional	Sintetiza a primazia das práticas maternas, do apego e da cultura no desenvolvimento emocional infantil.

Tabela 2

Estudos Empíricos sobre a Relação das Práticas Parentais com a Regulação Emocional Infantil

Autores (ano)	Abordagem metodológica	Variáveis estudadas	Principais resultados
Aghaie Meybodi et al. (2019)	Experimental (ensaio clínico randomizado)	Práticas parentais, regulação emocional, comportamento infantil	Treinamento em socialização emocional aprimorou a autorregulação e reduziu comportamentos externalizantes.
Ahn (2010)	Etnográfico/qualitativo	Socialização emocional, agência infantil	A validação emocional melhora a competência infantil; o controle excessivo e a minimização dificultam a regulação.
DeLoretta e Davis (2024)	Observacional/questionários	Estratégias parentais e respostas infantis	Respostas parentais convergentes (positivas) reduzem o estresse; estratégias divergentes afetam a regulação.
Denham (1997)	Experimental/dramatização	Concepções emocionais, socialização parental	A percepção infantil sobre a responsividade parental positiva associa-se a maior competência social com pares.
Denham et al. (1997)	Observacional/autorrelato	Modelagem e resposta emocional parental	A socialização e a modelagem afetiva parental são preditores centrais da competência emocional na infância.
Dunsmore e Karn (2004)	Longitudinal	Conhecimento emocional, amizades, crenças maternas	A socialização emocional materna e as relações com pares atuam conjuntamente no conhecimento emocional.
Fabes et al. (2001)	Observacional/questionários	Estratégias parentais, sofrimento emocional, expressão infantil	Respostas parentais de suporte ao sofrimento infantil facilitam a autorregulação; reações punitivas elevam a desregulação.
Jacobs et al. (2019)	Quantitativo correlacional	Socialização emocional, teoria da mente, regulação emocional	A socialização parental prediz o avanço na teoria da mente e na regulação em crianças com deficiência intelectual.
Kılıç e Güngör Aytar (2016)	Quantitativo (questionários e testes)	Compreensão emocional, respostas maternas	A compreensão emocional progride com a idade, mostrando fraca associação direta com respostas maternas.
Kuebli et al. (1995)	Longitudinal (análise discursiva)	Discurso emocional, gênero	Diálogos elaborativos sobre emoções passadas promovem a competência emocional, variando segundo o gênero.
Roberts (1999)	Quantitativo correlacional	Práticas parentais, comportamento pró-social	Práticas parentais tolerantes e não punitivas ao sofrimento associam-se a comportamento pró-social e resiliência.
Roberts (2020)	Observacional domiciliar	Respostas parentais, competência social infantil	A impaciência parental observada no ambiente doméstico correlaciona-se a menor competência social infantil.
Soydan e Akalin (2023)	Quantitativo correlacional	Regulação emocional, agressão, respostas maternas	Respostas maternas de suporte e validação associam-se à redução da agressividade infantil.
Taylor et al. (2013)	Longitudinal	Ego-resiliência, socialização emocional, empatia, comportamento pró-social	A socialização parental de suporte promove a resiliência do ego, favorecendo a empatia e condutas pró-sociais.
Valentino et al. (2022)	Experimental (ensaio clínico randomizado)	Intervenção materna, socialização emocional, ajuste infantil	Treinamentos de rememoração emocional guiada aprimoraram a adaptação emocional em contextos de adversidade.

Tabela 3

Estudos Empíricos sobre o Impacto do Contexto Familiar e Sociocultural

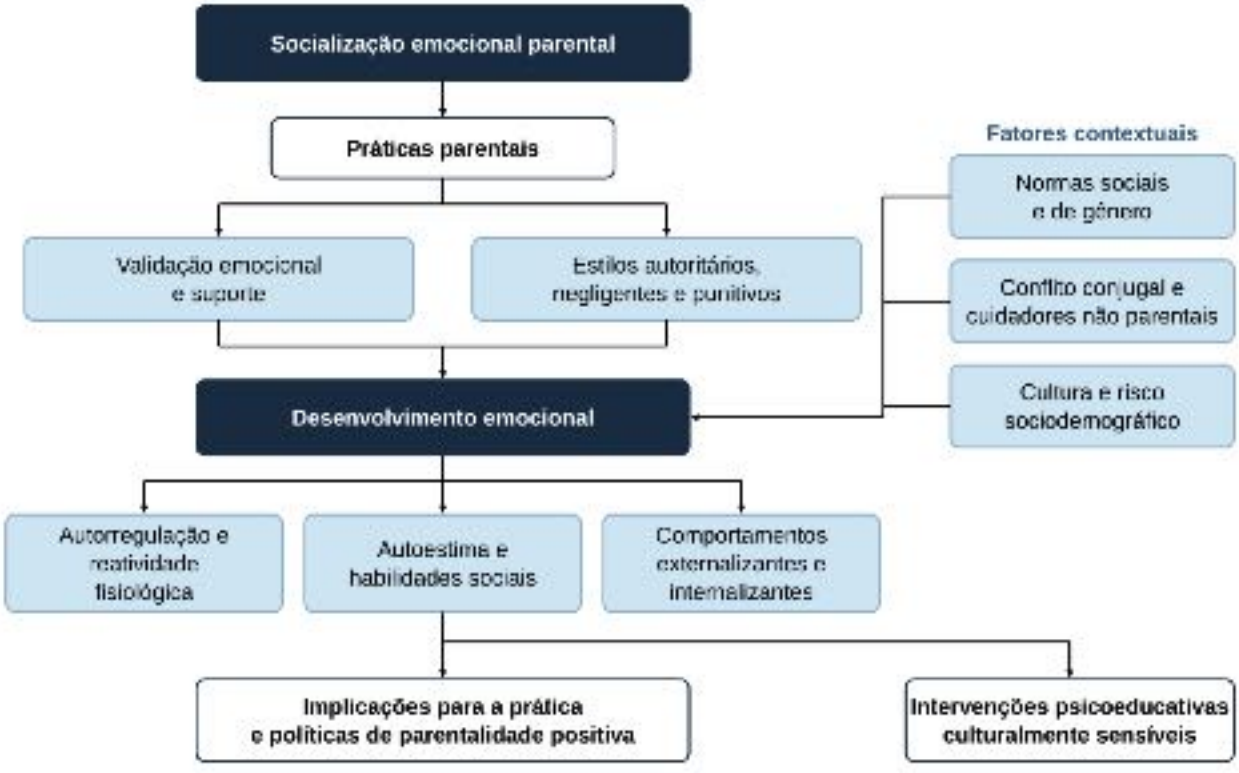
Autores (ano)	Abordagem metodológica	Variáveis estudadas	Principais resultados
Cao et al. (2023)	Longitudinal	Socialização emocional materna, apego, temperamento, autoeficácia	A autoeficácia materna em lidar com o sofrimento infantil é um fator determinante no desenvolvimento emocional das crianças.
Frankel et al. (2015)	Longitudinal observacional	Conflito conjugal, respostas emocionais, regulação infantil	O conflito conjugal impacta as respostas parentais às emoções negativas dos bebês, afetando o desenvolvimento emocional e social infantil.
Lee e Brophy-Herb (2018)	Quantitativo (modelo diádico)	Conflito conjugal e socialização emocional	Conflito destrutivo aumenta práticas parentais não solidárias.
Lins e Alvarenga (2015)	Quantitativo correlacional	Controle psicológico materno e problemas internalizantes nas crianças (ansiedade, depressão e retraimento social)	O controle psicológico materno está fortemente associado a problemas internalizantes, como ansiedade e depressão; o controle excessivo prejudica a regulação emocional e as relações sociais infantis.
Moura et al. (2022)	Qualitativo observacional	Responsividade, vínculo afetivo	A falta de respostas emocionais adequadas dos cuidadores em instituições de acolhimento afeta a construção de vínculos afetivos com bebês acolhidos.
Murphy et al. (2017)	Longitudinal observacional	Interações familiares, comportamento externalizante	Interações familiares diádicas (mãe-filho) e triádicas (incluindo o pai) afetam diretamente os comportamentos externalizantes das crianças, como agressividade.
Negi et al. (2025)	Longitudinal	Risco sociodemográfico, sofrimento psicológico, socialização	Risco sociodemográfico materno prediz menor socialização emocional de apoio, mediado por sofrimento psicológico materno e cognições negativas sobre o choro infantil, além de associação direta e negativa com a socialização de apoio.
Wang e Fivush (2005)	Qualitativo comparativo	Cultura, gênero das crianças, tipo de evento e profundidade das conversas sobre as emoções dos eventos compartilhados	Crianças de culturas não ocidentais focam mais em emoções negativas, enquanto as ocidentais valorizam aspectos positivos. Meninas conversam mais sobre sentimentos e relações, meninos sobre ações. Eventos negativos geram diálogos emocionais mais profundos, moldados por cultura e gênero.

Nota. Estudos ordenados alfabeticamente pelo primeiro autor; abordagem metodológica conforme a classificação dos autores da revisão.

A Figura 2 sintetiza a dinâmica da socialização emocional parental e os seus desfechos no desenvolvimento infantil, conforme os eixos temáticos apresentados na seção seguinte.

Figura 2

Fluxograma da Socialização Emocional Parental



Nota. O fluxograma ilustra a dinâmica da socialização emocional parental, os fatores contextuais que a modulam e o seu impacto no desenvolvimento emocional infantil, com base nos três eixos temáticos da revisão.

Análise Temática

A partir do processo analítico indutivo, os achados dos 32 artigos selecionados foram integrados em três eixos temáticos centrais, articulando os dados encontrados aos fundamentos teóricos anteriormente apresentados.

A Relação das Práticas Parentais com a Regulação Emocional Infantil

Os resultados indicam de forma consistente que as práticas parentais de suporte — tais como validação emocional, reconforto, modelagem e encorajamento da expressão — correlacionam-se positivamente com a competência socioemocional e a capacidade de autorregulação das crianças em interações com pares (Aghaie Meybodi et al., 2019; Ahn, 2010; Denham, 1997; Denham et al., 1997; Soydan & Akalin, 2023). Sob a ótica do modelo de processo de regulação emocional (Gross, 1999; McRae & Gross, 2020), as respostas parentais às emoções infantis intervêm em etapas específicas da geração do afeto. Práticas de suporte, caracterizadas pelo *emotion coaching*, validação e rotulagem afetiva, facilitam a etapa de mudança cognitiva (reavaliação do evento estressante) e o direcionamento da atenção. Quando os pais acolhem o sofrimento infantil, oferecem um arcabouço de corregulação que permite à criança reinterpretar a situação de ameaça ou frustração, reduzindo a ativação fisiológica desproporcional e favorecendo condutas pró-sociais e a resiliência do ego (Roberts, 1999; Taylor et al., 2013).

Em contrapartida, reações não apoiadoras, como punição, minimização do estresse, impaciência ou controle psicológico materno (Fabes et al., 2001; Lins & Alvarenga, 2015; Roberts, 2020), atuam

bloqueando a etapa de modulação da resposta. Do ponto de vista analítico-comportamental, a punição ou invalidação verbal sistemática das expressões de raiva e tristeza estabelece contingências aversivas que forçam a criança à esquiva ou à supressão emocional imediata (Lins & Alvarenga, 2018). Embora a supressão possa gerar conformidade aparente de curto prazo, ela impede a assimilação cognitiva do afeto, resultando no acúmulo de estresse fisiológico e na emergência de sintomas internalizantes (ansiedade, depressão) e externalizantes (agressividade e impulsividade). Programas de treinamento parental focados na promoção da socialização de suporte (Aghaie Meybodi et al., 2019; Valentino et al., 2022) evidenciam que o ensino de estratégias de conforto e a rememoração elaborativa reduzem essa desregulação comportamental.

Essa dinâmica adquire contornos específicos quando analisada sob a perspectiva das normas sociais e de gênero (Eisenberg et al., 2010; Morrison & Severino, 1997; Sánchez-Núñez et al., 2008). Conforme demonstrado por Kuebli et al. (1995), as práticas de socialização parental frequentemente reproduzem expectativas estereotipadas, encorajando conversas emocionais mais detalhadas e elaborativas com meninas, enquanto estimulam a contenção ou controle do choro em meninos. Tais assimetrias discursivas moldam rotas diferenciadas de competência socioemocional: enquanto as meninas tendem a desenvolver maior vocabulário emocional e sensibilidade empática, os meninos expostos à exigência precoce de supressão podem internalizar padrões de inflexibilidade afetiva, com repercussões na interação com pares.

Variáveis Emocionais Intrapessoais

A integração dos achados revela que a socialização emocional ultrapassa a modelagem de comportamentos observáveis, afetando o desenvolvimento de estruturas intrapessoais complexas, como a teoria da mente e a reatividade psicofisiológica (DeLoretta & Davis, 2024; Jacobs et al., 2019; Kılıç & Güngör Aytar, 2016). Conforme Scherer (2001), a emoção abrange dimensões fisiológicas, cognitivas e comportamentais integradas. As evidências empíricas indicam que a concordância e a convergência das estratégias parentais operam reduzindo a sobrecarga alostática da criança (DeLoretta & Davis, 2024). Reações parentais divergentes ou imprevisíveis exigem um esforço adaptativo biológico excessivo da criança, evidenciado por padrões de supressão fisiológica alterados e elevação do estresse (DeLoretta & Davis, 2024).

No campo cognitivo-desenvolvimentista, a mediação da socialização emocional sobre o conhecimento emocional e a teoria da mente é particularmente evidente. O diálogo elaborativo entre pais e filhos sobre estados mentais e emocionais passados atua como um andaime cognitivo (Dunsmore & Karn, 2004; Kuebli et al., 1995). Ao discutir as causas e consequências das emoções, os genitores auxiliam a criança a decodificar os estados internos próprios e alheios, habilidade indispensável para a navegação social. Destaca-se que essa via de aprendizado mostra-se igualmente vital para populações com atipicidades no desenvolvimento, como crianças com deficiência intelectual, nas quais a socialização emocional adaptada descrita por Jacobs et al. (2019) funciona como um fator de proteção e promoção da autorregulação. Além disso, embora a compreensão conceitual das emoções progrida maturacionalmente com a idade (Kılıç & Güngör Aytar, 2016), o conhecimento emocional aplicado consolida-se na intersecção entre o discurso materno e as interações socioafetivas com pares (Dunsmore & Karn, 2004).

Impacto do Contexto Familiar, Sociocultural e das Adversidades

A análise crítica do ecossistema familiar demonstra que as práticas de socialização emocional não ocorrem em um vácuo relacional (Cao et al., 2023; Negi et al., 2025; Wang & Fivush, 2005). Estressores do sistema conjugal e triádico, como conflitos interparentais destrutivos (Frankel et al., 2015; Lee &

Brophy-Herb, 2018) e alianças coparentais competitivas (Murphy et al., 2017), esgotam os recursos de autorregulação dos genitores, elevando a probabilidade de reações impacientes e punitivas diante das demandas emocionais dos filhos. O clima emocional familiar atua, assim, por contágio afetivo e transbordamento, no qual a instabilidade do subsistema parental compromete a sensação de segurança do apego da criança. Em contextos de acolhimento institucional, a ausência de figuras de apego estáveis e a carência de respostas emocionais contingentes prejudicam a vinculação afetiva e a regulação em bebês (Moura et al., 2022).

Do mesmo modo, fatores estruturais e sociodemográficos modulam indissociavelmente o manejo emocional em família. O risco sociodemográfico, a pobreza e a vivência do racismo sistêmico impõem barreiras crônicas à saúde mental dos cuidadores, aumentando o esgotamento psicológico e influenciando cognições maternas sobre o choro e a dependência infantil (Negi et al., 2025; Stern et al., 2023). Nesses cenários de adversidade, como enfatizado por Stern et al. (2023), práticas parentais que focam na proteção e na regulação coletiva representam estratégias adaptativas de resiliência frente a contextos opressivos, e não meras fragilidades educativas.

Por fim, os achados impelem à superação do viés etnocêntrico ocidental que predomina na literatura de regulação emocional. Enquanto a maioria dos modelos clássicos assume a autonomia individual e a expressão aberta de afetos positivos como metas universais de ajustamento (Wang & Fivush, 2005), a inclusão de perspectivas multiculturais (e.g., Riquelme Mella et al., 2023) demonstra que distintas culturas priorizam a coesão comunitária, o autocontrole e a transmissão de saberes emocionais por meio de narrativas orais (*epews*) e tradições compartilhadas. Reconhecer a pluralidade das metas de socialização é essencial para evitar a patologização de práticas culturais não ocidentais e para fundamentar intervenções comunitárias verdadeiramente sensíveis ao contexto.

Limitações

Ao analisar o alcance das conclusões formuladas, cumpre distinguir as limitações decorrentes do delineamento metodológico adotado neste estudo daquelas inerentes ao próprio estado da arte da literatura revisada. No tocante às limitações do estudo, a estratégia de busca delimitada por descritores específicos em inglês (“emotional socialization” e “parenting”) restringiu a captura de trabalhos acadêmicos que investigam dinâmicas afetivas parentais utilizando terminologias alternativas ou não indexadas sob esse construto formal. Adicionalmente, a exclusão deliberada da literatura cinzenta, como teses, dissertações, livros e documentos de políticas públicas, associada ao foco exclusivo em artigos de periódicos revisados por pares, implica a possibilidade de viés de publicação, deixando de fora saberes gerados por comunidades, relatos de práticas profissionais e diretrizes institucionais não publicadas no circuito científico tradicional. Ressalta-se, ainda, que a busca se restringiu a quatro bases de dados e que, em consonância com o delineamento de revisão de escopo, não foi realizada avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos, o que impede ponderar os achados em função do rigor de cada estudo.

Quanto às limitações da literatura revisada, observou-se uma forte predominância de estudos centrados nos cuidadores primários, com expressiva sobre-representação materna, o que negligencia o papel dos pais do sexo masculino, avós, professores e cuidadores institucionais em arranjos de parentalidade comunitária e coparentalidade estendida. Soma-se a isso a sub-representação de investigações conduzidas em contextos sul-americanos, notadamente no Brasil, onde se identificaram apenas três estudos, o que limita o mapeamento de dinâmicas locais marcadas por desigualdades socioeconômicas estruturais. Por fim, constata-se a escassez de intervenções validadas e sensíveis à

diversidade multicultural, prevalecendo o uso de instrumentos de avaliação concebidos sob normas ocidentais e individualistas que podem falhar em capturar estratégias coletivas de regulação emocional.

Conclusão

Esta revisão de escopo mapeou e sintetizou a produção científica sobre a socialização emocional nas relações parentais durante a primeira infância, integrando evidências teóricas e empíricas a partir de três eixos analíticos integradores. Os achados indicam que as práticas parentais de suporte e validação afetiva constituem fatores protetivos primários para o desenvolvimento socioemocional infantil, atuando na facilitação do controle esforçado, da empatia e da teoria da mente, além de prevenirem condutas desadaptativas. Em contrapartida, reações de invalidação, controle psicológico ou punição relacionam-se ao surgimento de problemas internalizantes e externalizantes.

Em termos de contribuição científica e prática, este estudo avança ao sistematizar os mecanismos psicofisiológicos, comportamentais e socioculturais que perpassam a corregulação emocional no nicho familiar. Do ponto de vista aplicado, os resultados fornecem subsídios diretos para a formulação de programas de intervenção psicoeducativa e políticas públicas focadas na parentalidade positiva (e.g., treinamentos de *emotion coaching* e rememoração afetiva), evidenciando a necessidade de capacitar pais e educadores na criação de ambientes emocionalmente seguros e responsivos desde os primeiros anos de vida.

Para avançar no entendimento da socialização emocional, estudos futuros devem ampliar o escopo de investigação para além da díade mãe-criança, incluindo ativamente pais do sexo masculino, avós, educadores infantis e profissionais de acolhimento institucional, sobretudo em configurações familiares não nucleares. Paralelamente, impõe-se como prioridade o desenvolvimento de pesquisas interseccionais no cenário latino-americano e brasileiro, analisando como raça, classe social, gênero e estressores comunitários interagem com as práticas parentais. Metodologicamente, incentiva-se o emprego de abordagens mistas, etnográficas e observacionais, a exemplo do estudo de narrativas orais em culturas tradicionais, capazes de superar o viés de questionários de autorrelato. Por fim, recomenda-se a criação, adaptação e validação de programas de intervenção psicoeducativa culturalmente formulados para realidades de vulnerabilidade social, avaliando seu impacto de longo prazo na redução de disparidades socioemocionais no desenvolvimento infantil.

Agradecimentos e Autoria

Agradecimentos: Os autores não têm agradecimentos a declarar.

Conflito de interesses: Os autores não indicaram conflitos de interesse.

Fontes de financiamento: Este estudo não recebeu financiamento específico.

Declaração de contributos de autoria CRediT: W. M. A. P.: Conceptualização; Metodologia; Investigação; Análise Formal; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão & Edição; Visualização; Gestão de Projeto. **E. L. A.:** Metodologia; Validação; Redação – Revisão & Edição; Supervisão; Recursos. **R. L. P. M.**: Metodologia; Validação; Redação – Revisão & Edição; Supervisão.

ORCID: W. M. A. Pontes, https://orcid.org/0009-0005-9746-1667; E. L. Abreu, https://orcid.org/0000-0001-7712-6275; R. L. P. Melo, https://orcid.org/0000-0003-0722-2944.

Referências

Aghaie Meybodi, F., Mohammadkhani, P., Pourshahbaz, A., Dolatshahi, B., & Havighurst, S. S. (2019). Improving parent emotion socialization practices: Piloting Tuning in to Kids in Iran for children with disruptive behavior problems. *Family Relations*, *68*(5), 596–607. https://doi.org/10.1111/fare.12387

Ahn, J. (2010). "I'm not scared of anything": Emotion as social power in children's worlds. *Childhood*, *17*(1), 94–112. https://doi.org/10.1177/0907568209351553

Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: Towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, *8*(1), 19–32. https://doi.org/10.1080/1364557032000119616

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, *37*(4), 887–907. https://doi.org/10.2307/1126611

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic analysis. In H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.), *APA handbook of research methods in psychology, Vol. 2. Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (pp. 57–71). American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/13620-004

Cao, H., Zhou, N., & Leerkes, E. M. (2023). Primiparous mothers' parenting self-efficacy in managing toddler distress: Childhood nonsupportive emotion socialization, adult attachment style, and toddler temperament as antecedents. *Emotion*, *23*(8), 2205–2218. https://doi.org/10.1037/emo0001233

Coyne, S. M., Radesky, J., Collier, K. M., Gentile, D. A., Linder, J. R., Nathanson, A. I., Rasmussen, E. E., Reich, S. M., & Rogers, J. (2017). Parenting and digital media. *Pediatrics*, *140*(Suppl 2), S112–S116. https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758N

Cunha, A. C. B., Maffazioli, A. C., & Albuquerque, K. A. (2022). Relações entre regulação emocional parental e desenvolvimento dos filhos. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, *10*(3), 1–14. https://doi.org/10.18316/sdh.v10i3.7299

de Carvalho Moinhos, M. V., da Rocha Lordelo, E., & de Moura, M. L. S. (2007). Metas de socialização de mães baianas de diferentes contextos socioeconômicos. *Journal of Human Growth and Development*, *17*(1), 114–125. https://doi.org/10.7322/jhgd.19820

DeBaryshe, B. D., & Fryxell, D. (1998). A developmental perspective on anger: Family and peer contexts. *Psychology in the Schools*, *35*(3), 205–216. https://doi.org/10.1002/(SICI)1520-6807(199807)35:3<205::AID-PITS2>3.0.CO;2-M

DeLoretta, L., & Davis, E. L. (2024). Convergent and divergent parental emotion socialization processes shape children's emotional responding. *Social Development*, *33*(3), e12739. https://doi.org/10.1111/sode.12739

Denham, S. A. (1997). "When I have a bad dream, mommy holds me": Preschoolers' conceptions of emotions, parental socialization, and emotional competence. *International Journal of Behavioral Development*, *20*(2), 301–319. https://doi.org/10.1080/016502597385351

Denham, S. A., Bassett, H. H., & Wyatt, T. M. (2007). The socialization of emotional competence. In J. E. Grusec & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization* (pp. 614–631). Guilford Press.

Denham, S. A., Mitchell-Copeland, J., Strandberg, K., Auerbach, S., & Blair, K. (1997). Parental contributions to preschoolers' emotional competence: Direct and indirect effects. *Motivation and Emotion*, *21*(1), 65–86. https://doi.org/10.1023/A:1024426431247

Dunsmore, J. C., & Karn, M. A. (2004). The influence of peer relationships and maternal socialization on kindergartners' developing emotion knowledge. *Early Education and Development*, *15*(1), 39–56. https://doi.org/10.1207/s15566935eed1501_3

Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, *9*(4), 241–273. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1

Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Eggum, N. D. (2010). Emotion-related self-regulation and its relation to children's maladjustment. *Annual Review of Clinical Psychology*, *6*, 495–525. https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131208

Ekman, P., Sorenson, E. R., & Friesen, W. V. (1969). Pan-cultural elements in facial displays of emotion. *Science*, *164*(3875), 86–88. https://doi.org/10.1126/science.164.3875.86

Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental coping with children's negative emotions: Relations with children's emotional and social responding. *Child Development*, *72*(3), 907–920. https://doi.org/10.1111/1467-8624.00323

Frankel, L. A., Umemura, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital conflict and parental responses to infant negative emotions: Relations with toddler emotional regulation. *Infant Behavior and Development*, *40*, 73–83. https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2015.03.004

Gross, J. J. (1999). Emotion regulation: Past, present, future. *Cognition & Emotion*, *13*(5), 551–573. https://doi.org/10.1080/026999399379186

Guyer, A. E., Silk, J. S., & Nelson, E. E. (2016). The neurobiology of the emotional adolescent: From the inside out. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, *70*, 74–85. https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2016.07.037

Hastings, P. D., & De, I. (2008). Parasympathetic regulation and parental socialization of emotion: Biopsychosocial processes of adjustment in preschoolers. *Social Development*, *17*(2), 211–238. https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00422.x

Havighurst, S. S., Wilson, K. R., Harley, A. E., Prior, M. R., & Kehoe, C. (2010). Tuning in to Kids: Improving emotion socialization practices in parents of preschool children – findings from a community trial. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *51*(12), 1342–1350. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2010.02303.x

Jacobs, E., Mazzone, S., Simon, P., & Nader-Grosbois, N. (2019). The unexpected impact of parental emotional socialization on theory of mind and emotion regulation: The case of children with intellectual disabilities. *Psychology*, *10*(9), 1302–1332. https://doi.org/10.4236/psych.2019.109084

Jin, Z., Zhang, X., & Han, Z. R. (2017). Parental emotion socialization and child psychological adjustment among Chinese urban families: Mediation through child emotion regulation and moderation through dyadic collaboration. *Frontiers in Psychology*, *8*, Artigo 2198. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.02198

Kılıç, Ş., & Güngör Aytar, A. (2016). Emotion understanding of Turkish preschoolers and maternal emotional socialization. *Journal of Human Sciences*, *13*(1), 2102–2112. https://doi.org/10.14687/ijhs.v13i1.3708

Kopp, C. B. (1989). Regulation of distress and negative emotions: A developmental view. *Developmental Psychology*, *25*(3), 343–354. https://doi.org/10.1037/0012-1649.25.3.343

Kuebli, J., Butler, S., & Fivush, R. (1995). Mother-child talk about past emotions: Relations of maternal language and child gender over time. *Cognition & Emotion*, *9*(2-3), 265–283. https://doi.org/10.1080/02699939508409011

Lee, Y. E., & Brophy-Herb, H. E. (2018). Dyadic relations between interparental conflict and parental emotion socialization. *Journal of Family Issues*, *39*(13), 3564–3585. https://doi.org/10.1177/0192513X18783803

Lins, T., & Alvarenga, P. (2015). Controle psicológico materno e problemas internalizantes em pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *31*(3), 311–319. https://doi.org/10.1590/0102-37722015032092311319

Lins, T., & Alvarenga, P. (2018). Contribuições da análise do comportamento para a compreensão da socialização emocional infantil. *Acta Comportamentalia*, *26*(3), 379–392. https://doi.org/10.32870/ac.v26i3.66936

Maccoby, E. E. (1994). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. In R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser, & C. Zahn-Waxler (Eds.), *A century of developmental psychology* (pp. 589–615). American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/10155-021

Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (pp. 1–101). Wiley.

Mayer, J. D., & Beltz, C. M. (1998). Socialization, society's "emotional contract," and emotional intelligence. *Psychological Inquiry*, *9*(4), 300–303. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_12

McRae, K., & Gross, J. J. (2020). Emotion regulation. *Emotion*, *20*(1), 1–9. https://doi.org/10.1037/emo0000703

Meyer, S., Raikes, H. A., Virmani, E. A., Waters, S., & Thompson, R. A. (2014). Parent emotion representations and the socialization of emotion regulation in the family. *International Journal of Behavioral Development*, *38*(2), 164–173. https://doi.org/10.1177/0165025413519014

Mikolajczak, M., & Desseilles, M. (2014). *Tratado de regulação das emoções*. Instituto Piaget.

Morrison, N. K., & Severino, S. K. (1997). Moral values: Development and gender influences. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, *25*(2), 255–275. https://doi.org/10.1521/jaap.1.1997.25.2.255

Moura, G. G., Amorim, K. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. T. (2022). "Quem não pega, não se apega"? Interações e vínculos com bebês acolhidos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *38*, e38322. https://doi.org/10.1590/0102.3772e38322.pt

Murphy, S. E., Boyd-Soisson, E., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2017). Dyadic and triadic family interactions as simultaneous predictors of children's externalizing behaviors. *Family Relations*, *66*(2), 346–359. https://doi.org/10.1111/fare.12225

Negi, S., Leerkes, E. M., & Sattler, K. M. P. (2025). Indirect pathways from sociodemographic risk to mothers' supportive emotion socialization via psychological distress and social cognition. *Journal of Child and Family Studies*, *34*(1), 256–269. https://doi.org/10.1007/s10826-024-02969-x

Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., … Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, *372*, Artigo n71. https://doi.org/10.1136/bmj.n71

Parke, R. D., & McDowell, D. J. (1998). Toward an expanded model of emotion socialization: New people, new pathways. *Psychological Inquiry*, *9*(4), 303–307. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_13

Peters, M. D. J., Godfrey, C., McInerney, P., Munn, Z., Tricco, A. C., & Khalil, H. (2020). Scoping reviews. In E. Aromataris & Z. Munn (Eds.), *JBI manual for evidence synthesis*. JBI. https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-12

Riquelme Mella, E., Nahuelcheo, M., Padilla Soto, E., Calfunao, F., Toledo, J., Bizama, K., & Jara, E. (2023). Socialization of knowing how to feel through the epew in Mapuche culture: Guidelines for early childhood education. *Education Sciences*, *13*(6), Artigo 622. https://doi.org/10.3390/educsci13060622

Roberts, W. L. (1999). The socialization of emotional expression: Relations with prosocial behaviour and competence in five samples. *Canadian Journal of Behavioural Science*, *31*(2), 72–85. https://doi.org/10.1037/h0087075

Roberts, W. L. (2020). Parents' observed responses to children's emotional distress: Relations with social competence in preschool. *British Journal of Developmental Psychology*, *38*(2), 186–204. https://doi.org/10.1111/bjdp.12315

Sánchez-Núñez, M. T., Fernández-Berrocal, P., Montañés, J., & Latorre, J. M. (2008). Does emotional intelligence depend on gender? The socialization of emotional competencies in men and women and its implications. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, *6*(2), 455–474.

Scherer, K. R. (2001). Appraisal considered as a process of multilevel sequential checking. In K. R. Scherer, A. Schorr, & T. Johnstone (Eds.), *Appraisal processes in emotion: Theory, methods, research* (pp. 92–120). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oso/9780195130072.003.0005

Sigel, I. E., & Kim, M. (1996). The answer depends on the question: A conceptual and methodological analysis of a parent belief-behavior interview regarding children's learning. In S. Harkness & C. M. Super (Eds.), *Parents' cultural belief systems: Their origins, expressions, and consequences* (pp. 127–160). Guilford Press.

Silk, J. S., Shaw, D. S., Prout, J. T., O'Rourke, F., Lane, T. J., & Kovacs, M. (2011). Socialization of emotion and offspring internalizing symptoms in mothers with childhood-onset depression. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *32*(3), 127–136. https://doi.org/10.1016/j.appdev.2011.02.001

Soydan, S. B., & Akalin, N. (2023). Emotional regulation and aggression in children: The regulatory role of Turkish mothers' emotion socialization reactions. *Family Relations*, *72*(4), 1709–1724. https://doi.org/10.1111/fare.12785

Stern, J. A., Dunbar, A. S., & Cassidy, J. (2023). Pathways to emotion regulation in young Black children: An attachment perspective. *Advances in Child Development and Behavior*, *64*, 163–188. https://doi.org/10.1016/bs.acdb.2022.10.001

Taylor, Z. E., Eisenberg, N., Spinrad, T. L., Eggum, N. D., & Sulik, M. J. (2013). The relations of ego-resiliency and emotion socialization to the development of empathy and prosocial behavior across early childhood. *Emotion*, *13*(5), 822–831. https://doi.org/10.1037/a0032894

Thompson, R. A., & Meyer, S. (2007). Socialization of emotion regulation in the family. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 249–268). Guilford Press.

Tooby, J., & Cosmides, L. (1990). The past explains the present: Emotional adaptations and the structure of ancestral environments. *Ethology and Sociobiology*, *11*(4-5), 375–424. https://doi.org/10.1016/0162-3095(90)90017-Z

Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., … Straus, S. E. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, *169*(7), 467–473. https://doi.org/10.7326/M18-0850

Valentino, K., Speidel, R., Fondren, K., Behrens, B., Edler, K., Cote, K., & Cummings, E. M. (2022). Longitudinal effects of reminiscing and emotion training on child maladjustment in the context of maltreatment and maternal depressive symptoms. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, *50*(1), 13–25. https://doi.org/10.1007/s10802-021-00794-0

Wandansari, Y., Suminar, D. R., & Afiatin, T. (2019). The maternal role on emotional competence development of early childhood. *Journal of Educational, Health and Community Psychology*, *8*(3), 310–333. https://doi.org/10.12928/jehcp.v8i3.11175

Wang, Q., & Fivush, R. (2005). Mother-child conversations of emotionally salient events: Exploring the functions of emotional reminiscing in European-American and Chinese families. *Social Development*, *14*(3), 473–495. https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2005.00312.x

Zahn-Waxler, C. (2010). Socialization of emotion: Who influences whom and how? *New Directions for Child and Adolescent Development*, *2010*(128), 101–109. https://doi.org/10.1002/cd.271